

AS SUBJETIVIDADES DO SER-PAI

Edna Maria Galvão de Oliveira

Unirio - Mestranda em Educação

galvaedna@yahoo.com.br

RESUMO

Esse artigo passa pelo lugar que o pai ocupa hoje na sociedade, e é uma questão que atravessa a trajetória de Freud. A formulação freudiana sobre o pai surge, no Ocidente, num momento cultural de uma especial declinação social, em termos de “ser pai”. A ambivalência da infância perdura no adulto de hoje, sujeito atormentado por conflitos emocionais e desafios existenciais, que sucumbiu à velocidade da cultura contemporânea, à fragmentação, à globalização, ao *fast-food*. A idéia de Freud do mal-estar na cultura está presente nessa atual época de crises: crise familiar, crise política, crise ética etc. O homem vê-se fragmentado em meio a essas crises e ao próprio desconforto quanto: o que se é, o que se quer e o que se deve ser. Na realidade, o mal-estar não de um, mas de toda civilização avançada e moderna. A queda do patriarcado é uma das dificuldades que o homem moderno está enfrentando. E é uma questão relevante para a subjetividade masculina. Estamos falando do ser-pai e de suas subjetividades, pois ser pai hoje, é talvez mais difícil do que o foi ontem. O pai de hoje é o filho de ontem e suas subjetividades são constituídas, como filho e como pai. Como pai, esse homem é responsável pelo filho e ser pai exhibe uma profunda preocupação no que se refere ao desenvolvimento dos filhos. A emergência do pai enquanto metáfora pura e simples, não deixa de subsistir como a única investitura estruturante para a criança. A relação do pai com a ética dá-se na justa medida em que, sem ela, a maior preocupação do homem seria ensinar seus filhos a competir em um mundo regulado pela lei daquele que fala mais alto, do mais esperto, do mais forte, ou do mais ágil posto que é preciso aprender a viver neste mundo para vencer e obter sucesso.

Palavras-chave: paternidade; subjetividades; processo civilizatório.

Abstract:

The article about “being a father” and its subjectivities has a bearing on the role played by the father in our present society, which is an issue that takes part in Freud’s work. Freudian theory about the father emerges in the West at a cultural moment of social decline in terms of “being a father.” Childhood ambivalence remains throughout adulthood. The adult of today tormented by emotional conflicts and existential challenges, has been overpowered by the speed of contemporary culture, fragmentation, globalization, fast-food. Freud’s idea of cultural conflict is present in our time of crises: family crisis, political crisis, ethical crisis. Man is fragmented by these crises and by the unrest relating to knowledge: the question of being, of wanting, and what one should be. In reality, this is the conflict of the whole modern civilization. The fall of patriarchy is one of the difficulties that modern man is facing today. This is a vital question concerning male subjectivity. We are talking about being a father and the subjectivities involved. At present, being a father is more difficult than in the past. The father of today is the son of yesterday, and its subjectivities are created as a son and as a father. As a father, this man is responsible for the son, and being a father shows a deep concern for the children’s upbringing. The importance of the symbol of the father persists as the only element to build the foundation for the child. The conduct of the father should have ethic. Without it, the only preoccupation

man would have would be to teach his children to compete in a world ruled by the law which comes from the one who speaks louder, is stronger, smarter, quicker, for it is necessary to learn how to live in this world in order to succeed.

Keywords: paternity; subjectivities, civilizatory process.

AS SUBJETIVIDADES DO SER-PAI

Edna Maria Galvão de Oliveira (Mestranda em Educação- Unirio)

O pai é aquele ao qual se permite amar ou odiar. Em outras palavras, o pai é aquele que pode encarnar tanto um agente savífico, quanto um agente de terror ao qual se teme, por ele ser aquele que veicula a lei e a castração (JULIEN,1997:30)

Para Julien (1997) é essa dupla vertente do pai, apontada na epígrafe, que põe o sujeito num torvelinho de incertezas e angústias. O que é, nos dias atuais, a paternidade? O bicentenário da Revolução Francesa é um fato marcante para indicar que, devido a essa revolução, uma nova fraternidade nascia no mundo. Uma fraternidade que, daí em diante, não se funda sobre nenhum pai designável. Não teria sido um parricídio, a morte de Luís XVI? Os franceses reconheceram-se irmãos ao se tornarem politicamente órfãos.

E o que se passou no século XX? O poder do pai, sobre a família nuclear, tornou-se cada vez mais limitado pela autoridade, enfim reconhecida, da mãe; e pela intervenção crescente da sociedade civil junto à criança, em nome de seu interesse, de seu bem e de sua felicidade. Historiadores e sociólogos estão de acordo sobre esta constatação. Não foi obra do acaso, a ocorrência no contexto europeu, de um tríplice abalo da figura do pai: o político, o religioso e o familiar. Porém, quanto mais a imagem social do pai declina, mais a criança reclama por uma grande, uma forte, uma bela figura!

Que lugar o pai ocupa, é também uma questão que atravessa a trajetória de Freud. Essa interrogação está presente na análise dos seus próprios sonhos, na construção teórica e passa por sua posição de patriarca do movimento psicanalítico, pela preocupação em relação à transmissão do seu legado e ao destino da psicanálise.

A formulação freudiana sobre o pai surge no Ocidente, num momento cultural de uma especial declinação social, em termos de “ser pai”. Surgem diferentes discursos: médico, pedagógico, materno-infantis, que supõem um saber sobre a criança, e nos quais ganha importância o lugar da mãe. Os próprios psicanalistas, num claro esquecimento da lição aprendida com Édipo, só tinham olhos para a mãe.

Em *Totem e Tabu*, Freud (1913/1996) aponta o pai primordial como um pai imaginário com um gozo ilimitado. É só depois da comida totêmica, que se instaura o pai como lei. Lei que não só proibia o incesto a respeito da mãe como o de todas as mulheres. Esse retorno do pai como lei funciona uma vez que, morto, o pai passa a ser um significante. Mostra-se neste mito que o pai simbólico é o pai morto, um lugar que se deve instaurar na estrutura. O pai simbólico é o que não pode faltar e que devemos aceitar como um lado irredutível do mundo.

Lacan (1990) pontua que o pai freudiano, o pai simbólico é o pai morto, mas aponta que não é o pai assassinado, o pai do assassinato. É o pai que sabe se apagar e neste apagamento coloca e instala no lugar a questão do falo. Lacan chega à verdade pela via da estrutura, ou seja, da lógica. Assim, formula o Nome-do-Pai, a metáfora paterna e os nomes do pai.

Segundo Dor (1991), o pai real não precisa, de forma alguma, mostrar-se deliberadamente privador, interditor e frustrador para aparecer como tal diante da criança. Apenas a incerteza da identificação fálica da criança torna esta última, a partir de então, mais sensível a esta presença paterna intrusiva:

A criança ameaçada em seus investimentos libidinais arcaicos junto à mãe, começa a pressentir insensivelmente alguma coisa que sempre esteve ali: a incidência do desejo da mãe em relação ao desejo do pai. Esta descoberta mobiliza a criança a pressentir o Pai real a uma luz cada vez mais imaginária. É, pois, essencialmente na qualidade de Pai imaginário que a criança vai perceber daí por diante este intruso que detém o direito, que priva, interdita e frustra (DOR, 1991:48).

De um modo geral, para Dor (1991), o pai é pressentido como um objeto rival junto ao desejo da mãe, desde que aparece como *outro* relativamente à díade-fusional mãe-criança. Entretanto, se essa rivalidade fálica incita a criança a viver imaginariamente a presença paterna sob o aspecto de um tirano totalitário, nem por isso deixa de atestar um deslocamento significativo do objeto fálico.

Ao apresentar-se à criança como um hipotético objeto de desejo da mãe, o pai se mostra como um falo rival. E, assim, em torno do ser ou não ser o falo da mãe, há também um questionamento que é o do próprio falo, o que implica a criança na Lei do pai. A criança descobre, então, que a mãe é dependente do desejo do pai, o que a leva a perceber que o desejo de cada um é sempre submetido à lei do desejo do Outro. Com este deslocamento do objeto fálico, a instância paterna sai do nível do imaginário para dar lugar ao Pai simbólico, ou seja, aquele que tem o falo.

Dor (1991) elucida: a função do pai no complexo do Édipo é de ser um significante que substituiu o significante, ou seja, o primeiro significante introduzido na simbolização, isto é, o significante materno. E também pontua que a renúncia da criança ao objeto fundamental de seu desejo se é, antes de mais nada, uma renúncia simbólica, não é no entanto derrisória. Abre para ela, o acesso ao simbólico, assegurando-lhe a possibilidade de se manifestar como sujeito, a partir do momento em que é ela quem designa.

“A primeira designação, inaugural, que testemunha o seu estatuto de sujeito, é a do Nome-do-Pai, seguindo-se daí que o sujeito se produz nesta designação como sujeito desejante, já que só fará, sempre continuar a significar na linguagem, o objeto primordial de seu desejo” (DOR, 1991:54).

E é como sujeito desejante que expressa a sua própria castração. O Pai simbólico como Nome-do-Pai atesta o reconhecimento de um Pai castrador pela criança, pela atribuição fálica e pelo fato da mãe encontrar junto a ele o objeto que ela não tem. A metáfora do Nome-do-Pai, que atualiza a castração, é isomórfica à simbolização da Lei.

Para Dor (1991), a emergência do pai enquanto metáfora pura e simples, não deixa de subsistir como a única investidura estruturante para a criança, e se o recalque originário não se dá, todo o processo da metáfora do Nome-do-Pai é comprometido, até mesmo fracassado.

É apenas quando o significante Nome-do-Pai está foracluído que o recalque originário é fracassado, neutralizando a emergência da metáfora paterna. Não emergindo este processo metafórico, segue-se que o acesso ao simbólico fica gravemente comprometido para a criança. Sob tais condições, todo um registro novo da economia do desejo lhe é barrado. Permanecendo assujeitada a uma relação arcaica com a mãe, ela continua a se constituir como seu único objeto de desejo, isto é, como seu falo (DOR, 1991:106).

O Nome-do-Pai está foracluído quando este significante é renegado no discurso da mãe, como lembra, explicitamente, Lacan:

“Aquilo sobre o que queremos insistir é que não é apenas a maneira pela qual a mãe se acomoda à pessoa do pai que nos deve ocupar, mas a importância que ela dá a sua fala, digamos, à sua palavra, à sua autoridade, em outras palavras, o lugar que ela reserva ao Nome-do-Pai na promoção da Lei” (LACAN, apud DOR, 1991:107).

Freud articulou algumas questões no que se refere à função paterna, ao falar de religião, sublinhando uma equivalência entre o pai e Deus. A religião era encarada como a manutenção, na vida adulta, do sentimento de desamparo da criança, melhor explicitada abaixo:

A necessidade de pai irá transformar-se, pela correlação entre Deus e pai, numa necessidade da religião. É como se a religião pudesse restaurar o sentimento oceânico que, para Freud, estaria relacionado à restauração do narcisismo ilimitado. Tal tentativa de restauração tem suas bases na antiga crença da proteção do pai. A criança confia na proteção do pai, mas também o teme; ambivalência que é a mesma do homem frente a Deus (JULIEN, 1997:22).

Ambivalência essa que perdura nos dias de hoje, onde para Outeiral (2006) existe um número maior de novos Hamlets e novos Narcisos que necessitam exibir-se para defenderem-

se da sensação do buraco negro do não-ser. Segundo ele, a psicanálise torna-se cada vez mais necessária e atual no enfrentamento dos desafios de cuidar desses sujeitos, nas suas disfunções em relação à performance social.

Segundo Sennett ,

o narcisismo, no sentido clínico, diverge da idéia popular do amor de alguém por sua própria beleza; num aspecto mais estrito e como um distúrbio de caráter, é a preocupação consigo mesmo que impede alguém de entender aquilo que é inerente ao domínio do eu e da autogratificação e aquilo que não lhe é inerente (SENNETT,1998:21).

Para o psicanalista Outeiral (2006), esse sujeito, já atormentado por conflitos emocionais e desafios existenciais, representado pelo mito de Édipo, sucumbiu à velocidade da cultura contemporânea, à fragmentação, à globalização, ao *fast-food*. E para esse autor, o ser humano caiu no não-existir por conta das patologias da contemporaneidade como o vazio, as adições e o não-ser.

Nos parece que a resposta a essas questões está na dimensão daquilo que Freud denomina como mal-estar. Na realidade, o mal-estar não de um, mas de toda nossa civilização avançada e moderna.

Anthony Giddens (1997), em seu trabalho *As conseqüências da modernidade*, assinala que em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. As civilizações tradicionais podem ter sido mais dinâmicas que outros sistemas pré-modernos, mas a rapidez da mudança em condições de modernidade é extrema. Se isto é talvez mais óbvio no que toca à tecnologia, permeia também todas as outras esferas.

O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno. Mas a modernidade tem também um lado sombrio, que se tornou muito aparente no século atual.

Para Julien (1997), o mal-estar provém do desafio imposto ao homem moderno pelo nascimento e pelo desenvolvimento irreversível da civilização científica. A civilização científica é um novo discurso que, devido as suas conseqüências técnicas, engloba e estrutura o conjunto das relações ditas humanas.

A seguinte citação nos elucidará melhor...

Este discurso técnico-científico ordena um universal abstrato, no qual, o sujeito se esquece, e perde o sentido particular de sua existência e de sua morte. “Como fazer isso?”, é a interrogação que surgiu como substituta daquela essencial: “O que eu sou então?”. O especialista atual é um desenraizado e um imigrante perdido no anonimato das novas cidades e na abstração de uma linguagem instrumental. Dedicado a uma superinformação de mídia, está a par das ocorrências de todo o planeta, sem se comprometer com nada em particular. Quanto maior sua abertura para a técnica e para a ciência, maior é o efeito que terá que suportar. Trata-se de um isolamento social no nivelamento do seu lugar no mundo. (JULIEN,1997:85)

Para Costa (2006) é a idéia de Freud sobre o mal-estar na cultura que está presente nessa atual época de crises: crise familiar, crise política, crise ética etc. O homem vê-se fragmentado em meio a tantas crises, se entendermos o significado de crise como ruptura, estranhamento, desconforto quanto a saber o que se é, o que se quer e o que se deve ser e querer.

É na relação com os homens e com a natureza, e na internalização das instâncias psíquicas individuais que se constituem as subjetividades. Para Manso de Barros (2005) subjetividade é tudo que constitui a interioridade: as instâncias psíquicas (Eu, Isso e Supereu), a realidade externa internalizada de maneira própria e única, o desejo singular que possibilita que o ser humano possa tornar-se um sujeito.

O homem apoiado pela cultura patriarcal, que lhe reservou lugar acima da trama doméstica constituída, sobretudo, pela mulher e pela criança, encontra dificuldades para separar sua individualidade das funções de pai. Antes de assimilar o esboço da nova configuração familiar, decorrente da introdução da mulher no mercado de trabalho, o homem é surpreendido pela ruptura da hierarquia doméstica e pelo constante questionamento de sua autoridade. Esta situação vem-se modificando, lenta e progressivamente, em transformações mais amplas que encontram-se, indissociavelmente, na família e na sociedade.

Buscando compreender melhor esse homem atual, é importante entendermos como o homem-pai viu a figura de seu pai na infância e quais foram as suas referências. O que ficou em sua memória, em seu psiquismo, o que foi introjetado da função paterna. No contexto em que o discurso social sustenta a dimensão ser-pai, a psicanálise não freia nem acelera o movimento de declínio social da imagem paterna. Julien substitui a resposta à pergunta “o que

é ser um pai?” por: o que é para um filho/filha ter um pai? O que é que faz com que um sujeito diga que tem ou teve um pai? (JULIEN, 1997:51).

Veamos algumas potenciais respostas:

1. Originalmente, para a criança, o pai é instaurado como Nome *pela* mãe. É a mãe quem inscreve um lugar na ordem simbólica-lugar vazio, que, em seguida, algum homem poderá ocupar à sua maneira. Quer dizer, a mãe instaura um lugar em posição para a criança, neste lugar de inscrição, nesta estrutura que Freud denomina de “inconsciente” e Lacan “o grande Outro”, ou seja, a ordem simbólica onde o pai tem *ou* não seu lugar.

2. O pai como Nome vem da mãe, o pai como imagem vem da criança. O menino ou a menina, por volta dos cinco ou seis anos, *apagam* o pai real no momento do declínio do Complexo de Édipo e da interiorização do supereu. Desdobra-o em um pai imaginário. A criança cria uma imagem paterna de alta estatura e de forte *status*. É preciso que o pai encarne uma parte dessa autoridade, cuja origem é mais de natureza política e religiosa, do que familiar.

3. O real do pai. O pai real é aquele que ao instaurar para a criança o luto do pai imaginário, lhe permite não procurá-lo em outro lugar: fora da família, no líder social, político ou religioso. O pai real é aquele que introduz para a criança uma castração, isto é um dizer-não: tu não é o falo de tua mãe, nem és aquilo que a ela falta. O pai real é o agente da castração, quando instaura para a criança um anteparo.

Entendemos, então, que a psicanálise está diretamente relacionada com a possibilidade dada a cada um de dizer, a *posteriori*, em que medida teve ou não um pai.

Lacan (1990) aponta a recuperação da função paterna como eixo da cura e procura uma amarração das três dimensões do pai, real, simbólico, imaginário, ou seja, as versões do pai. Aborda os mitos do parricídio e de Édipo desvelando suas limitações. É nas leituras de Freud que Lacan encontra os três registros do pai onde o simbólico é o que permite distinguir um do outro, já que é a função do complexo de Édipo, realidade psíquica que amarra os três. Ratifica-se a função paterna na sua dimensão simbólica. Nesse sentido, poderíamos dizer que Freud salva o pai.

Para Lacan a articulação da paternidade ao pai é efeito de um puro significante, de um reconhecimento não do pai real, e sim daquele que a religião invoca como Nome-do-Pai. Define o complexo de Édipo como a relação imaginária conflitual, incestuosa em si mesma, cujo destino é a ruína. É o nome do pai na mãe que permite que se origine no filho o que se chama autoridade paterna. Não importa a imago forte ou débil. Presente ou ausente, tirânica ou gentil. Para que o pai ocupe um lugar, é necessário que este exista na estrutura.

Julien (1997), como demonstramos mais acima, abordou em seu texto *O Manto de Noé*, as três dimensões da paternidade instauradas pela mãe, pela criança e, por fim, por um homem que ocupa o lugar do pai real. Mas estas três dimensões permitem responder à questão de ter tido um pai e não à questão do ser-pai.

Em função disso, pelo fato de se ter tido pai, nos vem a questão do ser-pai e das subjetividades do homem na contemporaneidade, face às transformações ocorridas na mulher que se afastou do lar, buscando novos espaços. O homem está sendo solicitado a colocar-se mais - dentro desse lar e mais próximo do cotidiano familiar -, permitindo-lhe um conhecimento e uma experiência que pode lhe trazer dificuldades, por ser tudo ainda tão novo, mas que também pode lhe trazer muitas alegrias e enriquecimento como ser humano.

Vemos que a queda do patriarcado é uma das primeiras dificuldades que o homem enfrenta. E é uma questão relevante para a subjetividade masculina. Não se trata aqui de saber quem pode mais, que manda mais, e sim o que é possível oferecer de melhor no desempenho da paternidade. O pátrio poder, onde o filho é um objeto para o pai, não se aplica mais. A função paterna ainda tem a função social de oferecer os recursos necessários à provisão dos filhos, porém, acima de tudo isso, conta mais o equilíbrio e o afeto e uma maior proximidade entre pai e filho. O papel do homem-pai é ser um firme e flexível facilitador e condutor do desenvolvimento do filho, de maneira a permitir amenizar os percalços dos males da civilização, de que tanto se fala hoje em dia. O pai tem uma função social, além de cultural, que não pode e não deve ser coisificada.

Essa questão da transição profunda, lenta e relutante e por quê não dizer inevitável, do declínio do patriarcado, segundo Capra (1995) tem uma periodicidade de pelo menos três mil anos, conforme lemos na citação abaixo:

Nesses últimos três mil anos, a civilização ocidental e suas precursoras, assim como a grande maioria das outras culturas, basearam-se em sistemas filosóficos, sociais e políticos “em que os homens – pela força, pressão direta, ou através do ritual, da tradição, lei e linguagem, costumes, etiqueta, educação e divisão do trabalho – determinam que papel as mulheres devem ou não desempenhar, e no qual a fêmea está em toda parte submetida ao macho” (CAPRA,1995:27).

Para Capra (1995), o poder do patriarcado e conseqüente poderio masculino têm influenciado as idéias mais básicas acerca da natureza humana e de nossa relação com o universo e era, até data recente, o único sistema que nunca havia sido abertamente desafiado, e cujas doutrinas eram universalmente aceitas. Como toda mudança faz-se necessário um tempo para a sua assimilação. A desintegração do patriarcado, no entanto, vem-se tornando evidente pela força dos movimentos feministas, considerados como uma das mais fortes correntes culturais do nosso tempo. Esse fato já está tendo e terá, um profundo efeito sobre a nossa futura evolução, como já se nota com a grande inserção das mulheres no campo do mercado de trabalho e nas demais relações sociais. Influenciando, principalmente as relações conjugais e as relações filiais entre pais e filhos.

Estamos falando do ser-pai e de suas subjetividades, e ser pai hoje é talvez mais difícil do que o foi ontem. Porém, o pai de hoje é o filho de ontem. Ele constituiu e constitui suas subjetividades como filho e como pai. Como pai, esse homem é responsável pelo filho e o ser-pai exige uma profunda preocupação no que se refere ao desenvolvimento dos filhos, em virtude das crises existenciais e familiares a que já nos referimos, dentro de pressupostos de que se uma criança é amparada pelos pais, se recebe afeto e tem suas necessidades básicas garantidas será um adolescente saudável e feliz, e provavelmente permanecerá longe de engrossar as estatísticas de violência, vícios e tráfico.

Por volta do século XVIII, nas leis do direito da França, havia uma preocupação com a relação pai e filho para que a mesma não se baseasse apenas nos bens e heranças. Essa questão passa, necessariamente pela ética, fator que pontua as subjetividades.

Para Badiou (1995), a ética está na moda. Em toda parte nota-se uma pressão, às vezes sutil, às vezes declarada e exigente, em favor da ética considerada como um valor em si e até como o maior deles. *Ética* refere-se, em grego, à busca de uma boa “maneira de ser”, ou à sabedoria da ação. Desse modo, a ética é aquela que coordena a existência prática com a representação do Bem e uma vaga regulação de nossos comentários sobre as situações históricas (ética dos direitos humanos), situações técnico-científicas (ética do ser vivo, bioética), situações “sociais” (ética do estar-junto) e inclusive situações ligadas à mídia (ética da comunicação) como vemos hoje em um *outdoor*, veiculada por um grande banco, uma mensagem que nos chega através da frase: “Crie filhos, não crie herdeiros”.

A partir da ética vislumbramos um caminho novo para uma cultura paterna mais lapidada e refinada. Talvez a afirmação de que o afeto, o amor e o respeito devem vir em primeiro lugar, na relação entre pais e filhos, seja a primeira medida da ética paterna.

A importância da ética se dá na justa medida em que, sem ela, a maior preocupação dos pais poderia ser ensinar seus filhos a competir em um mundo regulado pela lei do mais

forte, do mais ágil, do mais esperto ou do que fala mais alto, posto que é preciso aprender a viver neste mundo para vencer e obter sucesso. Sabemos que um dos valores que o paradigma vigente estabelece é a concepção de vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, além da crença de um progresso ilimitado a qualquer custo. Porém, entendemos e concordamos com Capra (1995), quando aponta que essas idéias e valores estão seriamente limitados e necessitam de uma revisão radical. O autor pontua, ainda, que já estamos vivenciando uma profunda e célere transformação envolvendo o globo inteiro e durante essa fase de reavaliação e renascimento cultural, é importante minimizar as agruras, a discórdia e as rupturas. Passados 150 anos do nascimento de Freud, que já estudava o mal estar da civilização, não podemos ignorar, que se abrem em nossa cultura, variadas formas de mal-estar: a violência, a delinqüência, a toxicomania, a indiferença, o terrorismo e a massificação do singular no seio da cultura (Fuks, 2006). Isso produz novas e diferentes subjetividades no ser humano e no ser-pai, com sérias implicações na formação das novas gerações.

Se por um lado, a educação é responsabilidade do pai e da mãe, lembramos que por outro lado é também projeto e responsabilidade da sociedade. É preciso haver um modelo, ser-pai modelo. Daí a grande importância dos pais nesse processo. Não adianta muito a escola ensinar a ler, a escrever e a entender o mundo, se o cotidiano das crianças e dos jovens não se basear nisso. O homem-pai na constituição das subjetividades do ser-pai, precisa estar atento e de olhos voltados às responsabilidades e prazeres da paternidade.

REFERÊNCIAS :

AVZARADEL, José Renato. In CEZIMBRA, Marcia. Os novos desafios da psicanálise. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, caderno Prosa e Verso, p. 1-2, 29, abr. 2006.

BADIOU, Alain. Ética. **Um ensaio sobre a consciência do Mal**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Ed.Cultrix, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. Freud, a lei e a violência. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, caderno Prosa e Verso, p.6, 06 maio 2006.

DOR, Joël. **O pai e sua função em psicanálise**. Tradução Dulce Duque Estrada; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

FREUD, Sigmund (1913). **Totem e Tabu** - Volume XIII - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.37-86.

FUKS, Betty B. Freud e pacifismo. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, caderno Prosa e Verso, p. 2, 29 abr. 2006.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, s/d

JULIEN, Philippe. **O manto de Noé – Ensaio sobre a Paternidade**. Trad. Francisco de Farias. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia**; Tradução Marco Antonio Coutinho Jorge, Potiguara Mendes da Silva Júnior - 2.ed. , Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

Letra Freudiana. Do Pai. **O limite em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Revinter. Ano XVI n.21, 1997.

OUTEIRAL, José. In CEZIMBRA, Marcia. Os novos desafios da psicanálise. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, caderno Prosa e Verso, p. 1-2, 29 abr. 2006.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro:Ed.Record, 1999.

_____. **O declínio do homem público – As tiranias da intimidade**. São Paulo:
Cia. das Letras, 1998.